COLEÇÃO Júlio Verne

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

COLEÇÃO
Júlio Verne

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

2ª Edição

EDITORA RIDEEL

Expediente

Presidente e Editor	Italo Amadio
Diretora Editorial	Katia F. Amadio
Assistente editorial	Edna Emiko Nomura
Adaptação	Margareth Fiorini
Ilustrações de Capa	Susy Braz Reijado
Revisão	Tiago Sliachticas
Notas de Rodapé	Mônica Hamada
Roteiro de Leitura	Ana Tereza Pinto de Oliveira
Edição de arte	Hulda Melo
Diagramação	Denilson dos Santos
Produção Gráfica	Hélio Ramos
Impressão	Leograf Gráfica e Editora Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fiorini, Margareth

Coleção Julio Verne / Julio Verne ; adaptação Margareth Fiorini. – 2. ed. – São Paulo: Rideel, 2009.

Conteúdo: A ilha misteriosa – A volta ao mundo em oitenta dias – Capitão Hatteras – Norte contra o Sul – Os filhos do capitão Grant – Três russos e três ingleses – Um capitão de quinze anos – Viagem ao redor da lua – Vinte mil léguas submarinas

1. Literatura infanto-juvenil 2. Verne, Jules, 1828-1905 I. Título.

09-01444 CDD-028.5

ISBN: 978-85-339-1176-5

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

Av, Casa Verde, 455
Santa Terezinha - São Paulo - SP
CEP 02519-000
www.rideel.com.br
e-mail: sac@rideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

135798642
0409

Prefácio

Precursor da ficção-científica, Júlio Verne revela sua importância pela maneira como compreendeu o mundo em que vivia, a ponto de antever várias das descobertas científicas que se concretizariam somente no século XX, como o submarino ou a viagem à lua.

Suas aventuras entretêm adolescentes de todo o mundo há gerações, levando seus leitores à viagens espetaculares.

Seu realismo advém de sua estrutura baseada sobre seu conhecimento científico e sobre sua habilidade em construir personagens singulares.

Ler Júlio Verne é vislumbrar a perplexidade do homem do século XIX diante do mundo que se descortinava à sua frente, é viver a emoção das novas descobertas na companhia de homens intrépidos numa nova expedição rumo ao desconhecido, é, finalmente, conhecer todos os recônditos da Terra.

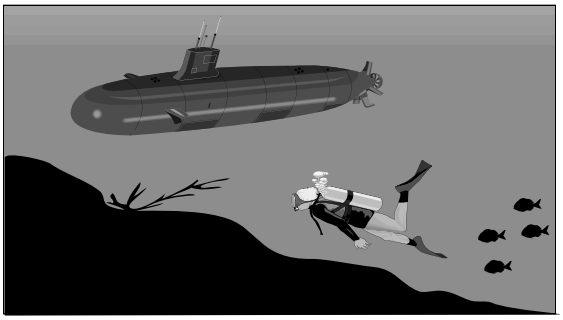
Esta coleção traz as obras deste notável autor com texto adaptado de forma a agilizar a leitura sem prejudicar o desenvolvimento de suas narrativas.

Ao rodapé das páginas foi incluído um glossário em que também constam fatos históricos e coordenadas geográficas para facilitar a compreensão dos textos e sua localização espaço-temporal.

Além disso, um Roteiro de Leitura que, preenchido, resultará num pequeno resumo da obra.

Esperamos, desta forma, resgatar a obra deste autor, difundindo-o entre todos os brasileiros.

O EDITOR



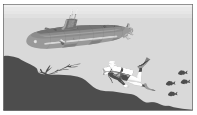
Em 1866, um acontecimento estranho abalou a opinião pública do mundo. Nos mares estava sendo encontrado um ser estranho, enorme, que parecia ter luminosidade própria e se locomovia mais rápido do que uma baleia. Comerciantes, capitães de navios, armadores[1] e governantes estavam seriamente preocupados, já que os relatos de quem via tal objeto, ou ser, coincidiam nos mínimos detalhes, de forma que era incontestável a sua existência.

Ele fora visto por dois vapores, o "Governador Higginson" e o "Cristobal Colon", numa diferença de três dias, numa distância de setecentas léguas marítimas[2]. O que equivale a dizer que a velocidade em que se locomovia era surpreendente. O mesmo ocorreu semanas depois, quando o "Helvetia" e o "Shannon" avistaram o tal ser, numa distância de mil léguas. Nessa ocasião, ambos puderam calcular seu comprimento: beirava os 106 metros!

No início do ano seguinte, o "Moravian" bateu em um rochedo não registrado em qualquer mapa de navegação e, se não fosse a qualidade de seu casco, teria sido tragado pelas águas, com seus 237 passageiros. Assim aconteceu com o "Escócia", que não bateu,

[1] **Armador:** proprietário ou equipador de navios mercantes.

[2] **Légua marítima:** légua de 5.555 metros e meio.



mas foi atingido por um objeto cortante, que provocou entrada de água e muito pânico entre os passageiros. O navio chegou ao seu destino três dias atrasado. Os engenheiros que fizeram a inspeção no rombo encontraram um corte na chapa metálica, em formato de triângulo isósceles[3].

Todos esses acontecimentos e mais o último episódio tornaram as comunicações entre os continentes muito perigosas e levaram o público a exigir o fim do terrível monstro, que habitava as profundezas dos oceanos e passara a ser o suposto responsável por todos os acidentes marítimos.

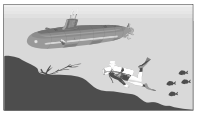
Quando cheguei a Nova Iorque, vindo de uma expedição científica em Nebrasca, aquele era o assunto do momento. Parti para a Europa e, lá chegando, recebi várias consultas a respeito do "monstro", já que eu publicara um livro (*Os mistérios dos grandes fundos submarinos*), o que me conferia a responsabilidade de especialista no assunto.

Os Estados Unidos foram o primeiro país a adotar medidas para enfrentar o problema. A fragata[4] "Abraham Lincoln", comandada por um homem chamado Farragut, pôs-se ao mar, à caça do monstro, com armamento reforçado e muita munição. Três dias antes de o navio deixar o cais do Brooklyn, recebi o convite do secretário da Marinha dos EUA para participar daquela expedição, representando o governo francês.

Mal havia chegado ao meu país! Queria descansar, rever amigos, mas isso tudo nada significava diante daquele convite. A caça ao monstro tornara-se o único objetivo de minha vida.

3 **Triângulo isósceles:** triângulo com dois lados iguais.

4 **Fragata:** antigo navio da marinha de guerra.



— Conselho! — chamei meu criado que, apesar do nome, não aconselhava, mesmo quando solicitado. — Vamos viajar. Partiremos em duas horas.

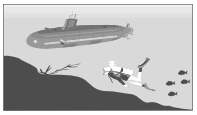
Conselho não se surpreendeu quando lhe revelei a missão da viagem e, quinze minutos depois, seguíamos ao cais, onde o "Abraham Lincoln" nos aguardava. Lá chegando, fui levado à presença do Comandante Farragut, que me recebeu gentilmente:

— Seja bem-vindo a bordo, Professor Pierre Aronnax!

Após os cumprimentos, fui conhecer minha cabina e fiquei satisfeito com meu alojamento; depois subi e assisti à partida. O Comandante Farragut era a alma daquele navio e um marinheiro muito experiente. Estava obstinado em cumprir sua missão, auxiliado por aquela fragata veloz e por tripulantes dedicados. Todos observavam os mares, na esperança de ver primeiro o monstro, pois havia uma recompensa de dois mil dólares para quem o fizesse. Entre a tripulação, estava o famoso rei dos arpoadores, Ned Land. Após uma breve conversa que tive com ele, descobri que era o único homem a bordo que não acreditava na existência do monstro.

Em 6 de julho, o "Abraham Lincoln" dobrou o Cabo Horn[5] e seguiu para noroeste. No dia seguinte, chegávamos às águas do Pacífico, onde o ser teria sido visto pela última vez. As atenções de todos se redobraram. Várias vezes, com emoção, perseguimos baleias e cachalotes. E nada do nosso monstro!

5 Cabo Horn: extremo sul da América do Sul, no sul do Chile, famoso por suas fortes correntes e clima tempestuoso.



Atravessamos o Trópico de Capricórnio[6] e chegamos ao meridiano cento e dez, no dia 27. Depois, a fragata tomou o rumo oeste e entrou nos mares centrais do Pacífico. Segundo o Comandante Farragut, o animal estaria em águas profundas e para encontrá-lo era necessário evitar as costas litorâneas e as ilhas. Assim, a fragata passou o Trópico de Câncer[7], a cento e trinta e dois graus de longitude, e se dirigiu aos mares da China.

Durante três meses, a fragata explorou desde as costas do Japão às da América. E nada encontrou. Nada que se parecesse com o ser sobrenatural que procurava.

Dado o desânimo geral e a desesperança de encontrar o animal, o Comandante decidiu que rumaria para a Europa, encerrando a viagem, caso em três dias não surgisse sinal do nerval[8]. Um novo entusiasmo tomou conta de todos a partir de então, voltaram a observar o mar mais cuidadosamente.

Exatamente quando expirava o prazo do comandante, e a fragata estava a menos de duzentas milhas[9] do Japão, uma voz gritou no meio da escuridão. Era de Ned Land:

— Alerta. Vejo o monstro. Dirige-se para nós.

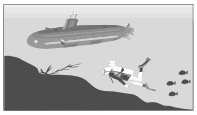
A confusão foi geral. Todos correram em meio à escuridão e tentaram enxergar o que Land dizia ver. E ele não se enganara: a menos de quatrocentos metros, estava um ser submerso a alguns metros da superfície e emanava um brilho intenso, fosforescente, que confirmava os relatos dos capitães que o tinham visto.

6 **Trópico de Capricórnio:** paralelo de latitude 23° 27'S do Equador.

7 **Trópico de Câncer:** paralelo de latitude 23°27'N do Equador.

8 **Nerval:** que atua sobre nervos. No caso, o animal desconhecido que colocava toda a tripulação nervosa.

9 **Milhas:** (milha marítima) medida equivalente a 1.852 m.



O Capitão ordenou velocidade, o "Abraham Lincoln" virou para bombordo[10] e fez um semicírculo. A fragata afastou-se rapidamente do foco luminoso, mas o animal aproximou-se com uma velocidade dupla da nossa. A bordo, estávamos mudos e imóveis. Na verdade, nem respirávamos. O animal moveu-se, afastando-se uma, duas ou três milhas; depois retornou numa velocidade alucinante, parando bem próximo ao nosso navio. Então, apagou-se e mergulhou em abismos profundos.

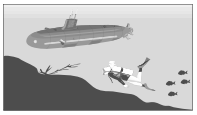
Nossa fragata fugia, em vez de atacar. O Comandante estava certo. Desconhecia o animal e esperaria o amanhecer para atacá-lo, assim evitaria perdas de homens e armas.

Ninguém dormiu aquela noite no "Abraham Lincoln". A fragata não podia competir em velocidade, de forma que ficou a meio vapor e o animal imitou-a, navegando ao seu lado. Às duas da manhã, o foco luminoso reapareceu, a cinco milhas do navio. Podiam-se ouvir as batidas de sua cauda, assim como sua respiração, apesar da distância.

Às seis horas, o dia nasceu, fazendo desaparecer o brilho elétrico do animal. Era a hora do combate. Quanto mais o navio navegava, mais o animal mantinha sua distância. O Comandante ordenou que carregassem o canhão da proa e atirassem: dois tiros perdidos.

Esperávamos que o monstro se cansasse, mas ele nem dava sinal de fadiga. As horas passavam e a fragata já devia ter percorrido mais de quinhentos quilômetros, na inútil perseguição. Porém, após perdermos

[10] **Bombordo:** lado esquerdo do navio considerando-se a proa como sua frente.



vista dele por muito tempo, voltamos a vê-lo, por volta das onze da noite. Talvez cansado, vagava ao sabor das ondas. Estava tão luminoso como na noite anterior.

O Comandante desligou as caldeiras e se pôs à deriva, para se aproximar do animal, que julgava adormecido. Pude ver Ned Land segurando o arpão, que lançou a menos de sete metros do animal. Pude ouvir o choque da arma naquele corpo duro. Então ocorreu o inesperado: o foco elétrico apagou-se e duas enormes trombas-d'água invadiram o navio, derrubando pessoas e quebrando mastros. Caí ao mar.

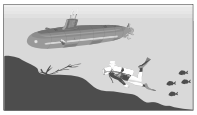
Tentei manter meu espírito calmo para voltar à fragata, mas era inútil. O navio desaparecia nas trevas e eu começava a afogar-me, quando uma mão me trouxe à tona. Era Conselho, que achava natural seguir-me em qualquer circunstância. Contou-me que o navio estava com a hélice e o leme partidos, o que o tornava ingovernável.

Enquanto me desesperava, sentia no sangue-frio de meu criado um alento[11]. Estávamos havia mais de três horas boiando, nadando, tentando sobreviver. A fragata estava a cinco milhas de nós, quando Conselho, talvez em desespero interior, começou a gritar por socorro. Não via utilidade naquilo, mas me surpreendi ao ouvir resposta. Meu criado tentou, novamente. E, novamente, ouvimos respostas!

Naquele instante, um corpo duro bateu em mim. Agarrei-me a ele e fui arrastado. Era Ned Land, que salvava a mim e a Conselho.

— Você também foi atirado no mar? — perguntei.

[11] **Alento:** ânimo; entusiasmo.



— Sim, mas tive mais sorte do que vocês, porque imediatamente encontrei este escolho[12] flutuando e me agarrei a ele.

Na verdade, Ned estava agarrado ao nosso monstro. O animal, na verdade, era feito de aço e produzia um som metálico, quando tocado. Estávamos estendidos numa espécie de submarino com forma de peixe.

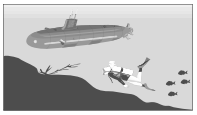
Quando o dia rompeu, fomos examinar o casco do "monstro". Naquele momento, o aparelho começava a submergir. Desesperados, começamos a bater no casco, gritando. Houve um movimento de frenagem[13] e o aparelho parou. Em alguns segundos, oito marinheiros com os rostos cobertos apareceram e nos empurraram submarino adentro.

Fomos feitos prisioneiros em uma cela escura que media uns seis metros por três. Permanecemos ali, sem saber o que seria de nós e onde estávamos. De repente, a cela foi iluminada e dois homens entraram. Um deles aparentava muita nobreza, devido ao porte altivo[14]; seus olhos refletiam confiança, segurança. Vendo-o, senti-me melhor, pois ele emanava[15] uma energia positiva.

Ficamos em silêncio, enquanto nos observava e falava ao ajudante numa língua desconhecida. Tentamos falar-lhes em inglês, francês, alemão e latim, inutilmente. Voltaram a se comunicar naquela linguagem incompreensível e se retiraram, sem o menor gesto.

Pouco depois, um criado de bordo trouxe-nos roupas feitas de tecidos desconhecidos por nós. Mais

12 Escolho: obstáculo.
13 Frenagem: ação de frear; travar.
14 Porte altivo: atitude elevada, orgulhosa.
15 Emanar: exalar; provir.



do que depressa, nos vestimos. Nesse meio tempo, o mesmo criado havia posto uma mesa naquela cela e nos servira uma refeição, cujos pratos, estranhos, eram muito saborosos.

Após saciarmos[16] nossa fome, dormimos profundamente e só consegui despertar no dia seguinte, quando senti uma onda de oxigenação na cela. Observei que o submarino emergia para respirar, como as baleias. E o ar entrava por um pequeno buraco, em cima da porta de nossa cela.

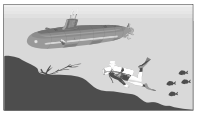
Quando conjecturávamos a respeito de nosso destino incerto e só víamos maus presságios, a porta se abriu e aquele homem que me impressionara na noite anterior entrou, falando-nos em francês:

— Não se surpreendam — disse o comandante do submarino. — Falo inglês, francês, alemão e latim. Primeiro quis ouvi-los para decidir a atitude que tomarei em relação aos senhores... Enfim, o acaso colocou-os na presença de um homem que rompeu com a humanidade. Vieram perturbar minha existência solitária...

Travamos conversa com o comandante, explicando-lhe que, se perseguíramos seu submarino, fora porque o julgávamos um monstro marinho. Com razão, o comandante argumentava que éramos inimigos e que nada o obrigava a nos dar hospitalidade. Ou seja, sua vontade decidiria sobre nossas vidas. Ou nossas mortes.

Sua condição para que continuássemos vivos e em relativa liberdade pelo submarino era que não

16Saciar: satisfazer.



tentássemos fugir. Ele ignorava a humanidade e queria ser ignorado por ela.

Tivemos que aceitar sua condição, por motivos óbvios. Mas não empenhamos palavra de honra ao cumprimento de suas exigências.

Depois, o comandante fez uma alusão[17] a mim. Já me conhecia através de meu livro. Disse tê-lo em sua biblioteca, assim como um sem-número de obras, que estavam à minha disposição. Segundo ele, minha obra era limitada à ciência terrestre e agora eu poderia conhecer, verdadeiramente, o planeta que eu procurara dissecar em meus estudos. Ele previa uma nova viagem pelo mundo submarino e o acaso me tornava seu companheiro de estudos.

— Nosso planeta vai revelar-lhe seus últimos segredos...

Eu estava extasiado[18]! A perda da liberdade me parecia pouco diante da grandiosidade que vislumbrava. Perguntei-lhe seu nome.

— Sou o Capitão Nemo e vocês são passageiros do "Nautilus". Agora, professor Aronnax — disse, dirigindo-se a mim —, acompanhe-me. Nosso almoço está servido.

Segui-o através de um corredor iluminado à eletricidade. Almoçamos numa sala decorada e mobiliada com austeridade[19]. A refeição era composta por pratos de origem marinha, cuja natureza eu ignorava, mas eram bons. Para cortar o silêncio, provoquei-o:

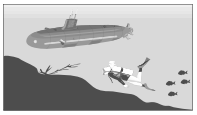
— O Capitão ama o mar...

— Sim. O mar é tudo. Cobre três quartos da Terra.

17 **Alusão:** referência vaga e indireta.

18 **Extasiado:** encantado.

19 **Austeridade:** severidade; rigidez de caráter ou de princípios.



Seu hálito é puro e são. É um imenso deserto onde o homem nunca está só. O mar é o veículo de uma existência sobrenatural e prodigiosa[20]. É movimento e amor. É o infinito vivo, como disse um poeta. Nele reina a tranquilidade absoluta. O mar não pertence aos tiranos. A ciência deveria viver nos mares, professor. Só aqui há independência; não há senhores nem escravos. Só liberdade.

Após essa empolgação, Nemo contraiu-se, novamente, na capa de frieza habitual. Finda a refeição, levou-me a conhecer o "Nautilus". Fiquei admirado com sua biblioteca, bem superior à minha em quantidade e qualidade. Mostrou-me, também, sua coleção da fauna marinha[21]. Penso mesmo que museu europeu algum tenha uma coleção como essa.

Minha curiosidade aumentava diante de tudo o que via. Eu queria saber como navegava este "Nautilus", qual sua força motriz[22], qual seu agente animador. O Capitão Nemo, porém, me pedia paciência: todos os seus conhecimentos estavam ao meu alcance, já que eu pagara com minha liberdade para isso.

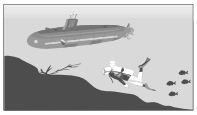
Levou-me a conhecer meu quarto, que ficava na proa. Era muito elegante e ficava vizinho ao dele, que fui conhecer. O quarto de Nemo, ao contrário, era diferente do meu em tudo: severo, simples e nada confortável.

Ali, o Capitão Nemo mostrou-me os instrumentos suspensos às paredes. O termômetro, que indica a temperatura interior do barco; o barômetro, que mede a pressão atmosférica e prevê mudanças de tempo; o higrômetro, que mede a umidade do ar; o *stormglass*,

20 Prodigiosa: maravilhosa; admirável; extraordinária.

21 Fauna marinha: conjunto dos animais próprios do mar; dos oceanos.

22 Força motriz: a que é gerada por um motor.



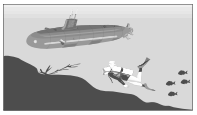
anunciador de tempestades; a bússola, que dirige a rota; o sextante, que informa sobre a longitude... Contudo, havia outros instrumentos específicos do submarino: um manômetro, que indica a pressão exterior e fornece também a profundidade e a posição do submarino; sondas termométricas, que indicam a temperatura das camadas de água...

Eu continuava ansioso por descobrir o agente poderoso do "Nautilus" e o Capitão Nemo só me respondeu, em parte, quando afirmou que a eletricidade era o senhor do "Nautilus". Não a eletricidade conhecida pela humanidade até então, mas uma nova forma de obtê-la, através do mar. Eu estava admirado! Estava vivendo uma ficção científica inimaginável! O comandante do submarino continuou a me mostrar outros aparelhos e novidades: um relógio elétrico, dividido em 24 horas, apenas como noção de tempo, já que, não havendo sol nem lua, o tempo no submarino não era o mesmo das regiões por onde passava.

Vi um quadrante[23] que mostrava a velocidade do submarino; descobri que havia um bote para passeio e pesca e pude esclarecer os acidentes que envolveram o "Escócia" e o "Abraham Lincoln". Com o primeiro, o choque fora ocasional; no segundo caso, o "Nautilus" agira por defesa. Quando elogiei o submarino, pude ver novamente a expressão de Nemo desanuviar-se, tal qual à hora do almoço, quando falava no mar.

— Amo-o como a um filho. Aqui não se teme o rombo, porque o duplo casco deste navio tem a rigidez do ferro; não há o perigo de o combustível acabar; não se temem tempestades. Aqui reina a paz.

23 Quadrante: mostrador em forma de relógio.



Foi assim que descobri que Nemo, em seus tempos de habitante da Terra, tinha estudado engenharia em Londres, Paris e Nova Iorque.

Mas saber exatamente de onde teria vindo, não consegui. No dia seguinte, 8 de novembro, quando Nemo fazia cálculos para o início de nossa viagem, tentei obter mais informações.

— Estamos a 137°15' de longitude oeste... — disse ele.

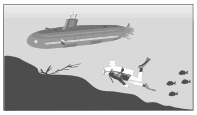
— De que meridiano? — perguntei vivamente, pensando que sua resposta me fosse indicar sua nacionalidade.

— Tenho cronômetros regulados pelos meridianos de Paris, Londres e Washington. Mas, em sua homenagem, me servirei do de Paris... Hoje, ao meio-dia, iniciaremos nossa viagem de exploração submarina.

Depois que ele se retirou, fiquei com meus pensamentos, conjecturando sobre sua possível origem; sobre a fonte do ódio que teria feito com que ele se afastasse da humanidade. Durante essa reflexão, fui despertado por meus companheiros que queriam saber algo sobre minha visita pelo "Nautilus". Nada informei e pedi a Land que desistisse de sua ideia de sequestrar o navio para fugirmos.

Nos dias seguintes, meus companheiros e eu estranhamos a ausência do capitão Nemo; entretanto, continuamos tendo abundância de alimentos.

No dia 16 de novembro, encontrei em meu quarto um bilhete de Nemo, convidando-me e aos meus companheiros para uma caçada na Ilha Cres-



po. Land vibrou ao pensar que iríamos a terra. Naquela noite, deitei-me mais cedo, preocupado com o canadense e com a caçada.

No dia 17, ao despertar, senti que o "Nautilus" estava imóvel. Vesti-me, apressadamente, e fui ao salão. Lá encontrei Nemo à minha espera.

— Então, comandante Nemo, mesmo após ter cortado relações com a humanidade, continua a caçar em uma ilha... — ironizei.

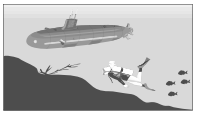
— Não, professor. As florestas em que iremos caçar são submarinas, e caçaremos com espingardas, a pé.

Olhei-o como se olha um louco. Agora entendia seu sumiço por oito dias: devia ter tido alguma crise de insanidade! Como se lesse meus pensamentos, Nemo explicou-me:

— Aperfeiçoei um aparelho Rouquayrol-Denayrouze, que é composto por um reservatório de ar, a uma pressão de cinquenta atmosferas. Ele vai às costas, fixo por correias. Para proteger a cabeça das grandes pressões submarinas, há que se prendê-la em uma esfera de cobre. E é nessa esfera que vão dar os dois tubos para respiração. Não fossem as bombas do "Nautilus", que permitem armazenar o ar em pressão considerável, ele se esgotaria rapidamente. Assim, o aparelho fornece ar respirável por nove ou dez horas.

— E a iluminação do caminho no fundo do oceano?

— O aparelho Ruhmkorff, preso à cintura, é composto por uma pilha Bunzen, ativada por sódio. Assim, tenho uma luz branca e contínua...



Eu estava embasbacado[24] e disse a ele. Só me faltava saber sobre as espingardas. A explicação não se fez esperar:

— É evidente que não é arma impulsionada a pólvora. Elas aqui funcionam com ar comprimido, fornecido pelas bombas do "Nautilus"... Se se gastar rapidamente, tenho o reservatório Rouquayrol...

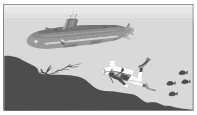
Sem demora e sem dúvidas, Land, Conselho e eu seguimos Nemo, a fim de vestirmos os escafandros[25]. O canadense desistiu no último momento e ficou no submarino. Nós deixamos o submarino e avançamos ao mar. Caminhamos, aproximadamente, duas horas e, ao contrário do que supunha, o peso de minhas roupas era nulo na água de forma que nos movíamos sem dificuldades. Deviam ser doze horas quando chegamos à Floresta da Ilha Crespo, ou seja, à floresta do Capitão Nemo.

O espetáculo era grandioso aos meus olhos acostumados às florestas terrestres. As plantas subiam para a superfície do mar, como um fio de ferro. Estranhei o fato de não sentir fome, mas uma sonolência incrível tomou conta de todo o grupo, após nos sentarmos para descanso. Dormimos algumas horas e, quando despertei, tive uma monstruosa visão: uma enorme aranha-do-mar[26], com um metro de altura, olhava-me com olhos vesgos e estava prestes a se atirar sobre mim. A uma ordem, o empregado de Nemo abateu o terrível animal, fazendo-me respirar aliviado. Ali tive consciência de que estava numa "selva" mesmo e que, portanto, outros animais piores deveriam viver por lá. Por volta das quatro, nossa excur-

[24] **Embasbacado:** espantado; admirado; boquiaberto.

[25] **Escafandro:** aparelho hermeticamente fechado, próprio para o mergulhador permanecer muito tempo no fundo da água.

[26] **Aranha-do-mar:** crustáceo de corpo afilado na parte dianteira, prolongando-se geralmente em rastro alongado, pernas em geral muito longas e finas.



são terminou, com Nemo apontando uma muralha de rochas, que indicava o início da terra.

De retorno ao submarino, caminhamos umas duas horas entre pradarias de sargaço[27] e planícies arenosas. Dois acontecimentos são dignos de registro: o primeiro, a caça certeira do Capitão a uma lontra[28] marinha; o segundo, o risco que passamos quase à chegada ao "Nautilus" com dois tubarões, que passeavam e, graças a Deus, não nos viram.

No dia 18 de novembro, eu estava na plataforma e observei alguns marinheiros que, embora tivessem traços de europeus, de várias nacionalidades, conversavam naquele idioma estranho com que Nemo nos recepcionara.

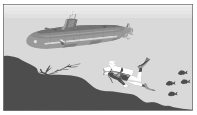
Quando imaginei que o "Nautilus" já se provisionara de ar o suficiente e iria submergir, virei-me para seguir ao meu quarto. Foi quando encontrei o comandante. Sem cumprimentos formais, ele foi falando:

— O oceano, professor, não tem uma vida real? Dormiu ontem, como nós, e agora desperta calmo. E desperta sob as carícias do sol. O sábio Maury[29] tinha razão: o mar tem uma circulação tão real, quanto a circulação sanguínea dos animais. Os sais encontram-se em grande quantidade no mar para tornar as águas menos evaporáveis, de modo a impedir que o vento lhes roube quantidade demasiado grande, que, ao se transformarem em chuvas, cobririam regiões das zonas temperadas. Esta é a verdadeira vida — sua emoção contagiava-me. — Imagine a fundação de casas e cidades submarinas

27 **Pradarias de sargaço:** grande planície de sargaços, algas de grandes dimensões.

28 **Lontra:** mamífero carniceiro, caracterizado pelo corpo delgado e os membros curtos.

29 **Maury:** (1806-1873) Matthew Fontaine Maury, hidrógrafo americano. Cartografou várias correntes marítimas do Atlântico e traçou inúmeras rotas. Sua obra *Geografia física do mar* (1855) foi o primeiro trabalho clássico da oceanografia moderna.



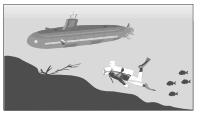
que, como o "Nautilus", subissem à superfície, todas as manhãs, para respirar... E algum tirano...

Nesse momento, Nemo interrompeu sua história e mudou o rumo da conversa. Depois afastou-se e eu não o vi mais, por algum tempo.

Todos os dias, os painéis do salão eram abertos para apreciarmos os mistérios do mundo submarino. No dia 26, cruzamos o Trópico de Câncer. Em 27, passamos pelas ilhas Sandwich e, naquela manhã, avistei a ilha do Havaí a duas milhas de distância. No início de dezembro, o "Nautilus" passou o Equador e, no dia 4, avistamos as Ilhas Marquesas. Após deixar para trás as ilhas paradisíacas, o "Nautilus" percorreu de 4 a 11 de dezembro umas duas mil milhas.

No dia 11, eu estava lendo no salão, enquanto Land e Conselho observavam o mar através dos painéis abertos. Foi então que me chamaram para um triste espetáculo: a visão de um navio afundado recentemente. Aquele seria, na verdade, o primeiro triste espetáculo de uma série de catástrofes que encontraríamos pela rota do "Nautilus". Entretanto, seguíamos nosso caminho: a 11 de dezembro, avistamos Pomotu; a 15, passamos por Taiti; no dia 25, navegamos no meio do arquipélago das Novas Hébridas. No dia 27, Nemo veio me dizer que estávamos em Vanikoro. Emocionei-me e comecei a lhe falar sobre o famoso naufrágio de La Pérouse.

Ele pareceu-me muito interessado em ouvir detalhes do famoso caso que emocionou o mundo. Quando terminei meu relato, ele chamou-me ao salão. Abriu os painéis e pudemos observar os destroços, cabos de



ferros, âncoras, balas — tudo coberto por planta marinha. Então, ouvi Nemo dizer-me:

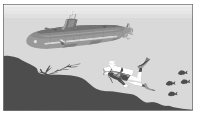
— O Comandante La Pérouse partiu em 7 de dezembro de 1785, com os navios "Bússola" e "Astrolábio". Parou em Botany Bay; visitou o Arquipélago dos Amigos e a Nova Caledônia. Passou por Santa Cruz e aportou em Namuka. Depois os navios atingiram os recifes desconhecidos de Vanikoro e encalharam. O primeiro desfez-se de imediato. O segundo resistiu alguns dias. Os indígenas acolheram bem os náufragos, e na ilha eles construíram uma embarcação pequena, com os restos dos dois navios. Foram então para as Ilhas Salomão, onde morreram.

Como eu quisesse saber a origem de seus conhecimentos, o Capitão Nemo mostrou-me uma caixa de latão com as armas da França[30] gravadas, corroídas pelo mar. Vi nela um maço de papéis amarelados, mas legíveis. Eram instruções do próprio Ministro da Marinha a La Pérouse.

— É uma bela morte para um marinheiro — disse Nemo. — Queira Deus que meus homens e eu não tenhamos outro túmulo, a não ser este feito de corais — e apontou nos painéis as ruínas do navio.

Depois deste encontro, ficamos mais uma vez sem ver o capitão por outros tantos dias. O ano de 1868 chegou sem comemorações, e foi no início de janeiro que chegamos ao Estreito de Torres, que é o limite entre a ilha de Papua, ou Nova Guiné, e a Nova Holanda. O "Nautilus" encalhou nos recifes e, enquanto esperávamos pela lua cheia, para, com o auxílio das marés, desencalharmos o submarino, conseguí-

30 Armas da França: insígnia ou escudo de armas representativo da nação francesa.



mos autorização de Nemo para um passeio até a ilha de Papua.

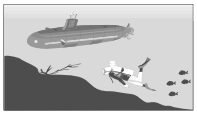
Land, Conselho e eu conseguimos caçar um pombo, que devoramos, e um porco selvagem, quando fomos perseguidos por nativos da ilha até o "Nautilus". Lá ficamos protegidos, pois os selvagens não ousavam aproximar-se do submarino nem conseguiriam atacá-lo.

Outro fato digno de nota foi a morte de um marinheiro e seu enterro numa clareira, em meio a uma floresta submarina, cujo cemitério fora criado por Nemo, especialmente para a tripulação do "Nautilus". Isto ocorreu logo depois de sairmos da ilha de Papua.

Continuávamos intrigados com a personalidade de Nemo. Houve uma vez em que ele, após observar o horizonte com o binóculo, pediu-nos que voltássemos à cela, onde passamos nossa primeira noite. O jantar que nos serviram continha sonífero, de forma que não soubemos o que se passou naquela noite no "Nautilus". Land continuava, impaciente, a falar em planos de fuga e eu, certamente, seguiria meus companheiros, ainda que com saudades de Nemo e de seu "Nautilus".

No dia 21 de janeiro, alcançamos o Oceano Índico e nele navegamos muitas milhas, submersos, até o dia 24, quando avistamos a ilha Keeling. Em 25 de janeiro, o mar estava deserto e o "Nautilus" ficou o dia todo na superfície. Conselho e eu assistimos a um belo espetáculo de cardumes de moluscos, hoje conhecidos como argonautas[31]. Na antiguidade, esses moluscos eram chamados de "nautilus".

31 Argonauta: molusco típico do Mediterrâneo e mares quentes. Apenas a fêmea, maior que o macho, apresenta concha externa.



— O argonauta não deixa sua concha, embora possa fazê-lo — falei.

— Como o Capitão Nemo — comparou Conselho.

No dia 26, cruzamos o Equador e continuamos a subir. Em 27 de janeiro, à entrada do golfo de Bengala, avistamos cadáveres de indianos mortos e jogados no Ganges.

Em 28 de janeiro, avistamos a ilha de Ceilão. A propósito de visitar o Golfo de Manaar e seus tesouros de pérolas, o Capitão Nemo deu ordens à tripulação de parar o "Nautilus", submerso, convidando-me para uma estranha caçada de tubarões. Conselho e Land aceitaram o convite de imediato, enquanto eu, assustado, procurei dissuadi-los de todas as formas, não logrando[32] êxito. E lá fomos nós vestir nossos escafandros protetores e os capacetes de cobre para descermos ao oceano. Dessa vez, não levávamos lanternas nem espingardas. Segundo o comandante, os punhais seriam mais úteis frente aos tubarões. Graças a Deus, Land vinha conosco e trazia seu arpão! Eu não tinha bons pressentimentos.

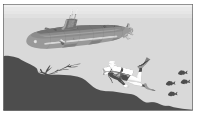
Caminhamos algum tempo. O sol iluminava suficientemente as águas. Pudemos encontrar vários cardumes de peixes. Reconheci o javanês[33], um peixe-serpente e também um caranguejo enorme, que se alimenta com a noz do coco, que derruba nas praias, segundo Darwin.

Às sete horas, encontramos o banco das ostras perlíferas[34]. Compreendi que a mina era inesgotável: a força criadora da natureza é superior ao instinto de destruição humano.

32 **Lograr:** desfrutar; conseguir; alcançar.

33 **Javanês:** o natural ou o habitante de Java, uma das ilhas pertencentes à Oceania.

34 **Perlífera:** designativo das conchas em que se formam as pérolas.



Nemo mostrou-me uma ostra gigante, cuja existência ele previamente conhecia. Era evidente. Não me deixou tocá-la e guardou-a, novamente, na intenção de que o tempo aumentasse o seu tesouro.

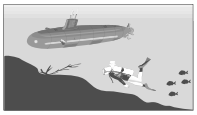
Aconteceu de encontrarmos um mergulhador que tentava encontrar pérolas. Escondemo-nos dele, em uma cavidade, e ficamos a observar o trabalho do homem: ele prendia uma pedra aos pés para o mergulho, que durava no máximo trinta segundos, e subia para respirar, levando as ostras que conseguia apanhar. Então, ocorreu o inesperado: um tubarão atacou o pobre homem. Antes que ele fosse novamente atingido, Nemo entrou em ação, rápido, de punhal na mão. Foi uma luta terrível. Eu estava imobilizado de pânico. A água tingiu-se de sangue e quando Nemo estava para ser destroçado pelo esqualo[35], Land acertou-o com seu arpão.

Salvo, Nemo correu para o pescador, cortando a corda que o prendia à pedra de mergulho, e o levou à superfície. O Capitão tentou reanimar o pescador e obteve êxito, após massageá-lo. Imaginem qual não foi o susto do homem, ao ver que voltava à vida, ajudado por seres estranhamente trajados como nós. Nemo, antes de retornar ao banco das ostras, estendeu ao homem um saquinho cheio de pérolas... O homem ficou atônito[36]: quem seriam aqueles homens do mar aos quais devia a vida e a fortuna?

Quando voltamos ao "Nautilus", Nemo agradeceu a Land por ter-lhe salvado a vida. E eu fiquei a pensar naquele comandante; em sua coragem ao enfrentar o tubarão, defendendo a vida de um estranho, que

35 **Esqualo:** peixe de esqueleto cartilaginoso, como o tubarão e o cação. No contexto, é usado como sinônimo de tubarão.

36 **Atônito:** espantado; admirado; assombrado.



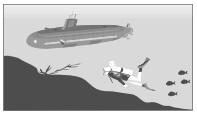
representava uma espécie da qual ele fugia. Quando falei isso a ele, ouvi:

— Esse indiano é habitante de regiões oprimidas. E eu sou e sempre serei dessas regiões.

A 29 de janeiro, deixamos o Ceilão para trás. A 30, quando subimos à superfície, o "Nautilus" seguia para o Mar de Omã, entre a Arábia e a Índia. Fiquei conversando com Land a propósito de nossa rota e não cheguei a conclusão nenhuma, visto que o Canal de Suez estava fechado. A 6 de fevereiro, ao meio-dia, chegamos a ver o Mar Vermelho. Viajamos submersos muitas milhas, numa velocidade impressionante. Pudemos admirar, através dos painéis abertos, belos corais e rochedos cobertos de algas. Foi a 9 de fevereiro que voltei a encontrar o Capitão Nemo e conversei com ele, sondando seus projetos.

Falamos do "Nautilus" e de seu avanço de um século sobre os demais navios da época e pude saber, surpreendido, que Nemo havia descoberto uma passagem natural subterrânea, que ligava os mares Vermelho e Mediterrâneo, através de estudos e pesquisas. Chamava-o de "Túnel Árabe"!

Enquanto seguíamos para o tal túnel, Land e eu vimos um animal que chamaríamos de sereia, segundo a mitologia que conhecemos, mas Nemo nos corrigiu, denominando-o por "dugongo". Land quis caçá-lo a todo o custo e assim foi advertido por Nemo de que, havendo falha, o bote seria afundado pelo animal. E isso quase ocorreu, se Ned não houvesse acertado na segunda tentativa.



Na noite do dia 11, o "Nautilus" encontrou o Túnel Árabe e fez a ligação que a humanidade desconhecia. Entrava no Mediterrâneo, vindo do Mar Vermelho, sem utilizar o Canal de Suez!

No dia seguinte, Land não acreditava estar em pleno Mar Mediterrâneo. Quando Conselho e eu o convencemos, ele tornou a falar nos planos de fuga. Eu o escutava, contrariado. Não queria ser um obstáculo à fuga dos meus amigos, mas eu estava adorando a viagem; por causa dela, meu livro sobre conhecimentos da vida submarina seria reescrito, enfim... Procurei insinuar a Ned Land que, dificilmente, o Capitão Nemo nos daria oportunidade de fuga, agora que estávamos próximos da Europa. Por que não poderíamos pensar nisso dali a seis meses? Land refutou minha ideia:

— Ora, professor. Daqui a seis meses estaremos onde? Na China?

No dia seguinte, 14 de fevereiro, como sempre fazia quando o navio submergia, eu estava junto aos painéis observando a fauna marítima, quando vi um homem, um mergulhador, com uma bolsa de couro, junto à cintura. Estava vivo e eu chamei o Capitão Nemo, assustado. Para meu espanto, os dois se cumprimentaram com sinais. Depois disso, o capitão foi até um móvel; tirou dele um cofre; encheu-o com lingotes de ouro; trancou-o e o endereçou, em letras gregas; e mandou alguns empregados levarem-no.

Aquela noite, custou-me dormir, estava intrigado com a relação entre o encontro com o mergulhador e a remessa do ouro, por meio do bote, que mais tarde voltou ao "Nautilus".

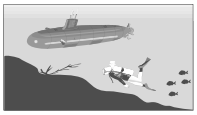
A travessia do Mediterrâneo foi feita, a toda velocidade, em alguns dias. Land esquecera de seu plano de fuga, visto que ficamos submersos todo o tempo, só vindo à superfície algumas horas durante a noite, para as provisões de ar. Pudemos assistir a muitos espetáculos tristes de naufrágios até o Estreito de Gibraltar.

Em 18 de fevereiro, entramos no Atlântico, essa imensa extensão de águas que é alimentada pelos maiores rios do mundo: Amazonas, Mississipi, Loire, São Lourenço, Prata, Reno e outros.

Como viajávamos à superfície e não muito longe da costa portuguesa, Land voltou à carga com seus planos de fuga. Passei um dia agitado, querendo participar dos planos e ao mesmo tempo permanecer no maravilhoso "Nautilus" e não perder, por nada deste mundo, as explorações do Atlântico, tal como fizéramos no Índico e no Pacífico.

Passei o dia triste e tenso, despedindo-me dos painéis, através dos quais vira tanta riqueza submarina. Estava totalmente dividido: temia que Nemo descobrisse nossos planos e nos impedisse, com violência; assim como me sentia feito um homem na véspera de um exílio eterno. Pensava em ver Nemo, pela última vez, assim como preferia não o ver mais, para que minha emoção não me traísse.

Depois do jantar, passei pelo quarto de Nemo e, vendo a porta aberta, não resisti e entrei: estava deserto. Pude observar melhor os quadros presos à parede: Manin[37], Lincoln[38], John Brown[39], O'Connell[40], Botzaris[41], todos heróis, mártires de causas libertárias em seus países. Seria este o elo entre Nemo e eles?



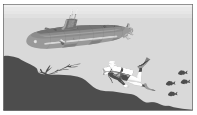
37 **Manin:** (1808-92) Henry Edward Manin, pároco católico romano inglês. Lutou por uma reforma social e atuou nos movimentos trabalhistas na Inglaterra.

38 **Lincoln:** (1809-65) Abraham Lincoln, 16º presidente dos EUA, admirado por seu governo durante a Guerra de Secessão, foi também o autor da Proclamação de emancipação, libertando todos os escravos do território americano. Foi assassinado em 14 de abril de 1865, enquanto assistia a uma peça no Ford's Theater em Washington, pelo ator John Wilkes Booth. É considerado, atualmente, como um símbolo da democracia.

39 **John Brown:** (1800-56) abolicionista americano. Em 1856, Brown e 21 homens planejaram uma investida armada contra os estados do Sul para libertar os escravos. Capturado por Robert E. Lee, futuro comandante das tropas confederadas, Brown foi enforcado em 2 de dezembro de 1856, tornando-se um mártir.

40 **O'Connell:** (1775-1847) líder político irlandês. Fundou, em 1823, a Associação Católica e liderou uma revolta que culminou com o Ato de Emancipação Católica de 1829. Enquanto foi membro do parlamento inglês, trabalhou pela solução da Questão da Posse da Irlanda, entre outras causas. Ainda hoje, é recordado como "O Libertador".

41 **Botzaris:** (1788-1823) Marcos Botzaris, herói da independência grega.



Depois, desci ao salão, e qual não foi minha surpresa ao ver que às oito horas da noite, duas antes de nossa fuga, o "Nautilus" parou no fundo do oceano! O Capitão veio junto a mim, no salão, e ficou a me falar sobre a história espanhola. Meu estado emocional não me permitia acompanhar nem compreender o objetivo pelo qual me falava daquilo. Contudo, ao ver os homens de Nemo, através dos painéis, irem recolher minas de ouro e prata afundadas com as galeras[42] espanholas, vindas da América, entendi num relance: Nemo era herdeiro do espólio[43] dos Incas[44], trazido por Cortez[45] que, temendo perdê-lo para os ingleses, afundara-o. E quais seriam os empreendimentos de Nemo? Enfurecido porque ousei duvidar de seus propósitos humanitários, Nemo explodiu, contando-me, em termos, seu segredo: os tesouros que retirava dos oceanos serviam de meios às causas humanitárias; às quedas dos déspotas[46]; à libertação dos oprimidos de todo o mundo.

No dia 19 de fevereiro, o canadense Ned Land estava mais mal-humorado do que nunca por ter sido impedido de fuga, assim como ao tomar consciência de que estávamos a léguas de qualquer costa, o que impossibilitava qualquer novo plano.

À noite, fui procurado pelo Capitão Nemo, que me convidou para um passeio marítimo noturno, já que os demais que fizéramos eram sempre feitos durante o dia. Vestimo-nos, novamente, com as roupas apropriadas, mas estranhei quando perguntei das lanternas ao Capitão e ele me respondeu que de nada nos serviriam. Quando pisamos o fundo do Atlântico já era meia-noite; eu seguia o Capitão, que parecia

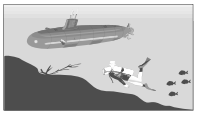
42 Galera: antiga embarcação, comprida e estreita, de velas e remos, com dois ou três mastros.

43 Espólio: despojo; restos.

44 Incas: império indígena da América do Sul pré-colombiana. O império estendia-se pela região andina, cobrindo cerca de 3.200 km. A cidade de Macchu Picchu é, talvez, seu legado mais conhecido.

45 Cortez: (1485-1547) Hernando Cortez, espanhol que conquistou o México, destruindo o império asteca.

46 Déspota: aquele ou aquela que exerce poder absoluto, arbitrário.



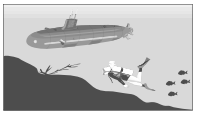
bem habituado àquele lugar. Ele indicou-me uma espécie de claridade distante, dando-me a entender que era para lá que íamos. A luz que eu via brilhava no cume de uma montanha. Com dificuldade, subimos até o pico. As ruínas que eu via, pelo caminho, traíam as mãos do homem e não as do Criador. De lá de cima, observei uma cidade com telhados roídos, templos desmoronados, arcos deslocados, colunas caídas. Emocionado, olhei para Nemo, que, parecendo ler meus pensamentos, fingiu escrever em uma pedra: "ATLÂNTIDA".

Ali estava a Atlântida de Platão[47], negada por tantos historiadores! O continente submerso, onde vivera o primeiro homem... É impossível descrever a emoção que toma conta de nosso espírito numa situação dessa.

No dia seguinte, acordei tarde, em razão do passeio noturno à Atlântida. Fui ao salão e, muito estranhamente, em vez de encontrar a luz do dia, já que o "Nautilus" flutuava, encontrei uma escuridão profunda. Descobri, pelo Capitão Nemo, que estávamos no centro de um vulcão extinto cujo interior fora invadido pelo mar e por onde naturalmente o "Nautilus" entrara. Lá podiam reabastecer os reservatórios de eletricidade, sem perigo de serem vistos. As florestas mineralizadas por milhares de anos forneciam o carvão necessário à produção de sódio; e este, por sua vez, fornecia a eletricidade tão necessária ao submarino.

De lá seguimos rota sul, afastando-nos de vez das costas europeias, para desespero de Land. Do fim de fevereiro a 13 de março, não avistei o Capitão. Nesse dia, conversamos no salão sobre a profundidade

47 Atlântida de Platão: na mitologia grega, uma imensa ilha localizada no Atlântico. Platão descreveu-a como uma utopia destruída por um terremoto.



conhecida, pelo homem, do oceano Atlântico. Com o submarino, pudemos descer a dezesseis mil metros e ver rochas, grutas desabitadas, onde a vida já não é mais possível; regiões jamais visitadas pelo homem!

O "Nautilus" continuava sua rota para o sul. Um dia, vendo um cardume de baleias, encorajei Land a pedir autorização ao Capitão para caçá-las. Nemo negou, condenando os passatempos assassinos dos homens, quando as baleias já têm inimigos naturais de sobra. E apontou um bando de cachalotes[48] que se aproximava para atacá-las. Em defesa das baleias, Nemo transformou o "Nautilus", com seu esporão de aço, num arpão muito mais eficaz do que o de Land, matando todos os cachalotes sem dificuldades.

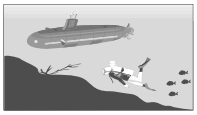
A 14 de março, avistei gelos flutuantes e entendi que eram *icebergs*[49]. No dia seguinte, cortamos o Círculo Polar Antártico[50]. Um banco de gelo imobilizou o "Nautilus" e, sinceramente, pensei que ali era o fim de nossa excursão. Mas não vi pessimismo no rosto de Nemo. Ao contrário, ele restava resoluto a atingir o Polo Sul, a qualquer preço. Contou-me de seu plano de passar por baixo do banco. Seria um risco, mas valeria a pena! Eu estava extasiado com tal experiência.

As tentativas foram inúmeras, mas o "Nautilus" sempre se chocava, ao tentar subir à superfície, no teto, com o banco de gelo que nos cobrira. Foi de madrugada, quase ao amanhecer, que vi o Capitão entrar no salão, exultante, anunciando que o mar estava livre, isto é, descongelado. Assim, poderíamos passar e navegar até o polo.

48 Cachalotes: mamífero cetáceo cosmopolita, que atinge até 20 m de comprimento.

49 Iceberg: grande massa de gelo que, desprendendo-se das geleiras polares, flutua impelida pelas correntes marítimas.

50 Círculo Polar Antártico: paralelo localizado a 66°30'S que circunda o continente gelado da Antártida.



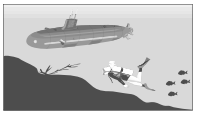
Na manhã seguinte, da plataforma do "Nautilus", contemplei a exuberância daquela paisagem. Era uma primavera escondida por um banco de gelo: aves nos céus, peixes no mar, vegetação abundante nas ilhas! Para não encalhar o "Nautilus", fomos até uma ilha, no bote, e lá honrei o Capitão Nemo, oferecendo-lhe passagem, para que pisasse a terra do Pólo Sul em primeiro lugar, como pioneiro que era.

Aguardamos o aparecimento do sol para fazer as medições e nos certificarmos de que havíamos realmente atingido o Polo Sul, mas ele não apareceu. Nem no dia seguinte, 20 de março, não obstante nossa ansiedade. E, se não aparecesse no dia 21, dia do Equinócio[51], não poderíamos mais saber se estivéramos, ou não, no Polo Sul, já que, por seis meses, o sol não mais apareceria, tendo início a longa noite polar. Diante disso, quando o sol apareceu e pudemos ter certeza de estarmos em pleno Polo Sul, Nemo ergueu-se, comemorando:

— Eu, Capitão Nemo, a 21 de março de 1868, cheguei ao Polo Sul, aos noventa graus, e tomo posse desta zona do globo que equivale à sexta parte dos continentes conhecidos. Dito isto, ele desfraldou uma bandeira negra, com um N gravado, e fincou no solo.

No dia seguinte, 22 de março, começamos o retorno, só que, dessa vez, um acidente grave ocorreu. Um *iceberg* minado na base por águas quentes teve seu centro gravitacional virado e, no momento da inversão, atingiu o "Nautilus", arrastando-o para camadas menos densas, onde se encontrava deitado. Percebi pela primeira vez que Nemo estava preocupado: acostumara-se a desafiar as leis humanas, não as leis naturais.

[51] **Equinócio:** tempo do ano em que o Sol passa pela linha do Equador, tornando os dias iguais às noites em toda a Terra.



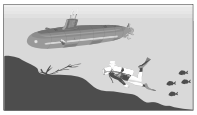
O banco de gelo não nos permitia qualquer saída e o próprio Nemo já fazia previsões funestas[52] sobre como morreríamos, se por asfixia[53] ou esmagamento. Tínhamos provisão de oxigênio para mais dois dias e muito trabalho para remover a parede de gelo, que nos impedia o retorno ao Atlântico. Fizemos revezamento entre as equipes de trabalho para a remoção do gelo, mas era insano. Não iríamos ser bem-sucedidos; por mais que trabalhássemos, só concluiríamos o trabalho dali a quatro ou cinco dias, e nossa provisão de ar acabaria em menos de dois.

O Capitão Nemo teve a brilhante ideia de injetar água fervendo no gelo, para atrasar a solidificação da água. Continuávamos o trabalho, com empenho e vigor. Mas o ar se acabava, parecendo nos matar aos poucos. Só Nemo permanecia ágil; sua força moral dominava as dores físicas, e ele agia por todos. Elevou o navio, deixando o "Nautilus" totalmente fechado a flutuar. Abriu as torneiras dos reservatórios e a água entrou, desmesuradamente. O peso do submarino elevou-se em cem toneladas, e foi quando houve o deslocamento: o gelo partiu-se e o submarino pareceu cair no vazio.

Nossos corações batiam descompassados; o submarino subia a toda a velocidade; estávamos a menos de seis metros da superfície; bastava ultrapassar uma superfície gelada, com sua hélice potente, para frente e para trás. E assim foi. Às onze horas da manhã do dia 28 de março, o "Nautilus" esmagou o gelo com sua força poderosa. E o ar penetrou em todos os compartimentos, trazendo-nos a vida de volta.

52 Funesta: que prognostica desgraça.

53 Asfixia: sufocação.



No dia 31 de março, estávamos na extremidade do continente americano. No dia seguinte, estando o "Nautilus" à superfície, pude avistar a Terra do Fogo. À noite, ultrapassamos o Arquipélago das Malvinas, ou Falklands[54], como são chamados pelos ingleses. No dia 4, navegamos pela região da Patagônia[55] e passamos o estuário[56] do Prata. A 4 de abril, o Uruguai estava a cinquenta milhas de nós. Já havíamos percorrido dezesseis mil milhas desde o nosso embarque...

Nemo passou a grande velocidade e distância da costa brasileira, para grande tristeza de Ned Land, que nunca desistia de seus planos de fuga.

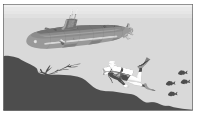
A 16 de abril, avistamos a Martinica e Guadalupe. Eu continuava meus estudos, assim como observava a fauna marítima pelos painéis do salão, mas o canadense estava cada vez mais impossível de se suportar, cada vez que o "Nautilus" seguia rumo norte, aproximando-se de seu país.

No dia 20 de abril, Land, Conselho e eu falávamos acerca de polvos de grandes dimensões, denominados "calamar de Bouger", quando vimos um bando deles aproximando-se dos painéis. E o pior de tudo é que, justamente quando aqueles animais horríveis se juntavam ao submarino, a hélice parou por alguma razão e o submarino estacionou. Segundo o Capitão, as mandíbulas daqueles animais teriam danificado alguma pá da hélice, daí elas não funcionarem. O mais terrível é que, segundo Nemo, teríamos de lutar corpo a corpo com aqueles monstros e, para isso, subimos à superfície.

54 Malvinas ou Falklands: colônia inglesa formada por duas ilhas localizada no Atlântico Sul, próximas à costa da Argentina.

55 Patagônia: planalto semiárido, varrido por ventos, no sul da Argentina.

56 Estuário: desembocadura de um rio.

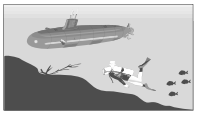


Lá encontramos dez homens armados com machados e prontos para o ataque. Land acompanhava-nos com seu arpão. Foi uma luta horrível, em que um marinheiro perdeu a vida. No momento derradeiro, o infeliz gritou por socorro em francês, o que me deixou profundamente tocado. O comandante ainda tentou salvá-lo, mas o animal nojento nos cegou a todos, lançando sobre nós um líquido negro, que saiu de seu abdômen. Depois desta triste cena, recuperamos a visão e uma fúria nos impeliu contra os monstros, que haviam invadido a plataforma. Houve um momento em que Land estava para ser atingido, mas Nemo salvou-o, retribuindo assim o que o canadense fizera por ele na região das pérolas.

Mais tarde, quando nos livramos dos animais, vi Nemo olhando imóvel para o mar, lembrando de seu companheiro morto, talvez. Pude ver que lágrimas grossas escorriam por seu rosto, habitualmente sobre-humano.

Depois daquele dia trágico, não vi mais o Capitão Nemo. O "Nautilus" parecia mesmo navegar à deriva. Sua hélice havia sido reparada, mas quase não era usada. Passamos pelas Ilhas Bahamas e, a 8 de maio, pudemos avistar a Carolina do Norte.

A vigilância a bordo tinha sido abandonada, o que facilitaria os planos de fuga de Ned Land. Contudo, o mau tempo conspirava contra nós: tempestades, ciclones, na certa, nos levariam à morte, em qualquer tentativa. Foi quando Land intimou-me a falar com Nemo sobre nossa situação, o que fiz. Ou, pelo menos, tentei.



Nemo estava trabalhando em seu quarto e me recepcionou friamente. Mesmo assim, insisti em fazê-lo ver nosso problema a bordo do "Nautilus" há sete meses e a nossa esperança de voltar ao mundo civilizado. O Capitão permaneceu impassível e negou qualquer tipo de entendimento.

Comuniquei aos meus companheiros os resultados da conversa que tivera aquele dia com o Comandante Nemo e pude ouvir de Ned Land o que já esperava:

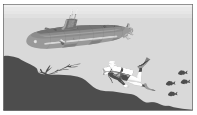
— Estamos próximos de Long Island. Fugiremos, faça o tempo que fizer...

No dia 18 de maio, estávamos próximos a Nova Iorque, quando uma tempestade infernal desabou. Por capricho, Nemo manteve o "Nautilus" na superfície e subiu à plataforma, para desafiar a tormenta. O poder da chuva era suficiente para derrubar casas e deslocar canhões. As ondas atingiam quinze metros de altura. O barômetro, como em 1860, durante um ciclone, desceu a setecentos e dez milímetros.

O Capitão Nemo continuava desafiando a natureza, mesmo quando os raios estouravam nos céus. Parecia procurar uma morte digna de sua própria grandiosidade.

Quando ele entrou, passava da meia-noite. Ouvi os reservatórios encherem-se de água e, aos poucos, o submarino desceu às profundidades do Atlântico.

Pelos painéis do salão, vi peixes assustados, fugindo da tempestade e dos raios; vi outros serem fulminados e tive medo. Contudo, o "Nautilus" continuava a descer e encontrou repouso seguro, a cinquenta metros.



Quem poderia dizer que uma terrível tempestade rugia à superfície daquele oceano? No "Nautilus", ninguém.

Devido à tempestade, tínhamos sido levados para o leste e nos afastáramos demais da costa norte-americana, o que deixou Ned Land em estado de prostração[57] e isolamento.

Durante alguns dias, o submarino navegou, ora submerso, ora à superfície; muitas vezes perdido em meio a brumas[58], que se devem principalmente à fusão[59] dos gelos, que provocam umidade na atmosfera.

Pelos painéis, pude observar os resultados de colisões e acidentes ocorridos devido à presença das brumas: navios perdidos, afundados, ruínas de metais. O "Nautilus" parecia passar os mortos em revista.

Maio findava quando percebi nova mudança na rota do "Nautilus". Parecia que voltávamos à Europa. No dia 28, estávamos a cento e cinquenta quilômetros da Irlanda e, no dia 31 de maio, o submarino descreveu no mar uma série de círculos, que me deixaram intrigado.

Vi o comandante Nemo, rapidamente, e ele me pareceu mais triste do que nunca.

No dia seguinte, 1º de junho, Nemo foi medir a altura do sol. Eu estava na plataforma quando o vi, exultante, falar:

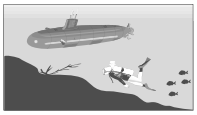
— É aqui!

Voltei ao salão. O alçapão foi fechado e eu ouvi o ruído característico dos reservatórios se enchendo. O "Nautilus" começou a mergulhar e muito mais

57 **Prostração:** grande debilidade resultante de moléstia ou fadiga.

58 **Brumas:** nevoeiro.

59 **Fusão:** passagem do estado sólido ao líquido.



tarde, a oitocentos e trinta e três metros, repousava no solo. Os painéis me mostraram as ruínas de um navio, que deveria ter afundado há muitos anos.

O Capitão Nemo narrou, historicamente, as passagens daquele navio em "vida". Concluí que se tratava do "Vingador", e ele concordou comigo, dizendo que "Vingador" era realmente um belo nome!

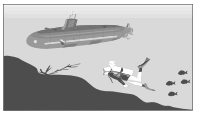
Aquela sua reação me aclarou o espírito. Ele tinha dentro de si um ódio monstruoso, enorme, que o tempo jamais apagaria. Eu não descobriria nada, nunca, a seu respeito, mas esse sentimento era concreto, palpável...

Quando o "Nautilus" subiu à superfície, ouvi uma detonação. Tinha sido um tiro de canhão, vindo de um navio de guerra que se aproximava de nós. Outros tiros vieram. Perguntei a Land se podia enxergar a nacionalidade do navio, mas ele não conseguiu. Tentou acenar, mas foi bruscamente impedido por Nemo, que o ameaçou de morte.

Nemo estava encolerizado. Mandou que descêssemos e, desfraldando uma bandeira igual à que fincou no solo do Polo Sul, disse que afundaria o navio, representante de uma nação maldita.

— Ali está o opressor. E aqui está o oprimido — foi a última frase que ouvi dele.

Adotando a mesma estratégia que utilizara com o "Abraham Lincoln", Nemo conseguiu atraí-lo. A toda velocidade, o "Nautilus" passou através do casco do navio, causando seu afundamento. Pelos painéis, pudemos assistir a cenas horríveis do naufrágio. Nemo parecia hipnotizado com a cena e, quando se ergueu e foi ao quarto, eu o segui.



Entre os quadros de seus heróis, vi-o chorando junto a um retrato de mulher ainda jovem, com duas crianças.

Naquela noite, o "Nautilus" estava próximo ao Canal da Mancha, com destino aos mares boreais[60]. Os relógios de bordo foram parados e eu perdi a noção do tempo. Navegamos uns 15 ou 20 dias, até que Ned Land veio me propor fuga, novamente, a qualquer custo. Não sabíamos onde estávamos, nem para onde íamos. Mas qualquer coisa era melhor do que aquilo.

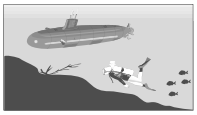
Desde o afundamento do navio de guerra, eu passara a sentir por Nemo um incontrolável horror, como se estivesse diante de um verdadeiro monstro. Combinamos a fuga para aquela noite, no bote do "Nautilus".

À hora da fuga, ouvi Nemo tocando órgão, em seu quarto, como de hábito. Ainda pude ouvi-lo, dizendo: "Deus, todo poderoso, basta!"

Saí na ponta dos pés e encontrei meus amigos desatando o bote, com muito cuidado. Naquele preciso instante, ouvimos gritos da tripulação, mas não era a nós que se dirigiam. Era ao turbilhão que aquelas águas da costa da Noruega estavam formando, com violência, à qual nenhum navio nunca escapara. São ondas monstruosas que formam um redemoinho pavoroso.

O "Nautilus" parecia um ser humano, lutando para sobreviver. Seu comandante parecia tê-lo conduzido até lá, de propósito. Justamente naquele momento, Land quis recuar, pois a lógica demonstrava que, se houvesse salvação para nós, era permanecendo no submarino. Mas era tarde demais: o bote estava solto e uma forte explosão lançou-nos ao mar. Eu bati a cabeça e perdi os sentidos.

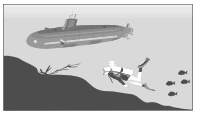
[60]**Boreais:** setentrionais; do lado do Norte.



Não sei dizer como sobrevivemos, pois, quando recuperei os sentidos, estávamos — Conselho, Land e eu — numa cabana de um pescador das ilhas de Lofoten. Enquanto esperei por um vapor que me levasse de volta à França, revi meu relato e creio ter sido fiel a todos os acontecimentos. Alguém me acreditará? Não sei, mas não importa.

O que sei é que hoje tenho o direito de falar sobre os mares, com o conhecimento de quem percorreu vinte mil léguas submarinas.

O que teria ocorrido com Nemo? E com o "Nautilus"? Teriam conseguido escapar do turbilhão? Espero que sim. E espero mais: que a contemplação de tantas maravilhas submarinas acalme seu coração feroz. Que o sábio vença o justiceiro e que ele continue a exploração pacífica dos mares, mesmo que eu nunca venha a descobrir quem foi o Comandante Nemo.



O Autor

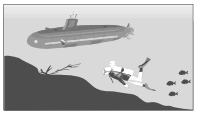
Nenhuma outra obra literária refletiu com tanta fidelidade a história de sua época como a coletânea dos romances de Júlio Verne, conhecida como Viagens extraordinárias.

Nascido em Nantes, na França, a 8 de fevereiro de 1828, filho de Pedro Verne, cuja família orgulhava-se de sua tradição na advocacia, e de Sofia Alotte, proveniente de rica família de armadores, Júlio Verne mostrava uma forte inclinação para a literatura desde sua infância.

Talvez devido à sua formação familiar, Verne tenha se inclinado para um novo gênero literário: a ficção-científica, resultado da união de seus conhecimentos sobre a vida dos homens do mar, daquela época, cheia de aventuras, e sua formação escolar, na faculdade de direito, que o ensinara a raciocinar logicamente, e a aceitar somente os fatos como verdadeiros.

Júlio Verne, entretanto, viveu durante uma época privilegiada. O homem do século XIX conjugava harmoniosamente a ciência e a tecnologia. Uma mesma geração assistiu ao descobrimento da eletricidade, do automóvel, do avião, do rádio, do submarino, dos tecidos sintéticos, do cinema...

Verne assistiu a todos estes acontecimentos e antecipou-se a muitos deles. Maravilhava-se, assim



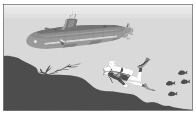
como seus contemporâneos, com a velocidade que o progresso adquiria. Tudo isto o levou a uma ideia, em que trabalhou com afinco desde seus 24 anos até sua morte em 24 de março de 1905: escrever a novela da ciência, estabelecendo uma ponte entre a ciência e a literatura. Para tanto, contava apenas com uma ferramenta: sua imaginação fértil, cujo ponto de partida era o estudo, a observação e a curiosidade.

Nem mesmo seu casamento com Honorina Hebè, o nascimento de seu filho Michel, ou suas ocasionais rusgas com seu pai, o desviaram de seu propósito.

Seu profundo respeito para com a ciência nunca o deixou afastar-se do racionalismo ou realismo. E, mesmo em obras mais fantásticas, como *Viagem ao centro da Terra*, *Da Terra à Lua* e outras, sua finalidade era usar a fantasia para ilustrar os conhecimentos de sua época em astronomia, matemática, física, paleontologia, mineralogia etc.

Em suma, sua vida resumiu-se a retratar sua época, por isso Verne está profundamente imerso em seu tempo e expressa aspectos importantíssimos desse período. Seus personagens, em sua maioria, não são senão veículos de uma ideia ou agentes de uma empresa, quando não meros símbolos.

A coragem, a tenacidade, a lealdade, a nobreza de sentimentos não isenta de uma certa ingenuidade, tais como as principais características, em ocasiões um tanto estereotipadas, do herói verniano, que não se define tanto por si mesmo como pelo que faz.



As Datas

1853 Publica *Colin-Maillard*.

1855 Publica *Les Compagnons de La Marjolaine*.

1860 Publica *L'Auberge des Ardennes*.

1863 *Cinco semanas em um balão*, novela que havia sido publicada em capítulos pelo periódico *Magazin d' Éducation et de Récréation*, é publicado em volume único.

1864 Publica *Viagem ao centro da Terra*.

1865 Publica *Da Terra à Lua*.

1868 Publica *Os filhos do Capitão Grant*.

1870 Publica *Vinte mil léguas submarinas, Capitão Hatteras* e *Viagem ao redor da Lua*.

1873 Publica *A volta ao mundo em oitenta dias*.

1874 Publica *A ilha misteriosa* e, junto a Dennery, monta a peça adaptada do romance homólogo *A volta ao mundo em oitenta dias.*

1875 Publica *O Chanceler, diário do passageiro J.R. Kazallon*.

1876 Publica *Miguel Strogoff*.

1878 Publica *Um Capitão de quinze anos,* e adapta, para o teatro, o romance *Os filhos do Capitão Grant*.

1879 Publica *Tribulações de um chinês na China*.

1882 Estreia a comédia, em três atos, *Voyage à travers l' impossible.*

1883 Estreia a peça: *Kéraban le Tètu*.

1887 Estreia *Mathias Sandorf,* peça em cinco atos adaptada do romance homólogo.

1888 Publica *Dois anos de vocações*.

1896 Publica *As viagens do Capitão Cook*.

1898 Publica *Le Superbe Orénoque*.

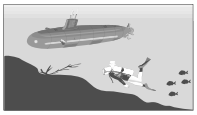
1899 Publica *Le Testament d'un Excentrique*.

1900 Publica *Seconde Patrie*.

1901 Publica *Le Village Aérien*.

1902 Publica *Les Frères Kip*.

Alguns dos avanços da ciência durante a vida de Júlio Verne



1831 Descobrimento, por Faraday, da indução eletromagnética.

1837 Telégrafo.

1839 Borracha vulcanizada.

1841 Primeiro Princípio da Termodinâmica enunciado por Mayer.

1846 Descobrimento, através de cálculos matemáticos, de Netuno, por Leverrier.

1850 Segundo Princípio da Termodinâmica, por Clausius.

1857 Máquina de costura.

1858 Primeiro cabo submarino entre Europa e América.

1859 Perfuração do primeiro poço petrolífero, na Pensilvânia, e o evolucionismo, com a *Origem das espécies*, de Darwin.

1860 Análise espectral, de Kirchhof e Bunsen, que imprime um impulso gigantesco na astronomia e na astrofísica.

1861 Experimentos de Pasteur, que destroem as teorias da geração espontânea.

1865 *Introdução à medicina experimental*, de Claude Bernard.

1866 Leis da herança, de Mendel.

1867 Fotoimpressão, celuloide, descobrimento da assepsia cirúrgica e *O Capital*, de Marx.

1869 Canal de Suez e *Lei periódica dos elementos*, de Mendeleiev.

1871 Dínamo e *A origem do homem*, de Darwin.

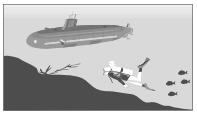
1876 Telefone.

1877 Fonógrafo.

1878 Exploração da energia hidroelétrica e desfosforização do ferro.

1879 Lâmpada e bonde elétricos.

1880 Colhedoras mecânicas.



1881 Transporte da energia elétrica.

1882 Descobrimento dos bacilos da tuberculose, por Koch.

1884 Turbina de vapor e descobrimento do bacilo do tifo, por Gaffaky.

1885 Primeira travessia do Atlântico por um petroleiro e vacina antirrábica.

1887 Eletrólise.

1888 Alternador e transformador elétricos, motor à gasolina e ondas hertzianas.

1890 Pneumático para rodas.

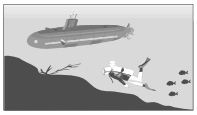
1895 Raios-X, radiofonia e cinematógrafo.

1896 Dirigíveis.

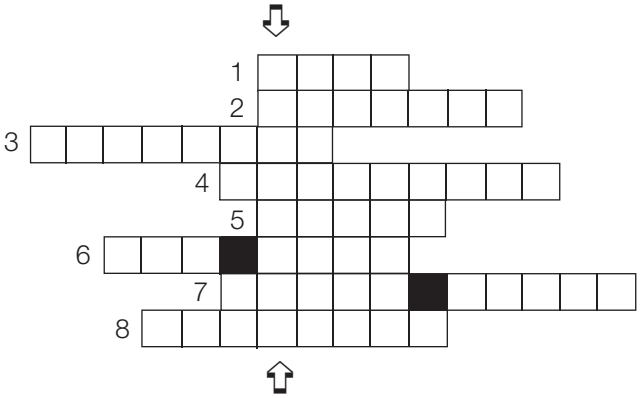
1897 Descobrimento do rádio, pelos Curie.

1899 Teoria dos quanta, de Planck.

Roteiro de Leitura



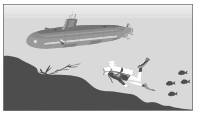
1. Preencha as quadrículas com as indicações. Na coluna indicada aparecerá o nome antigo de um molusco que nunca deixa sua concha, embora possa fazê-lo. Seu nome moderno é argonauta.



1. Rompera com a humanidade (não se sabe por quê) e vivia solitário em seu submarino.
2. Francês especialista em assuntos submarinos.
3. Comandante da fragata "Abraham Lincoln".
4. Continente submerso onde vivera o primeiro homem, segundo Platão.
5. Espólio dos _____ trazido por Cortez da América.
6. O rei dos arpoadores.
7. Passagem natural subterrânea ligando os mares Vermelho e Mediterrâneo, descoberta por Nemo.
8. Criado de Aronnax.

2. O que vinha assustando comerciante, capitães de navios, armadores, governantes e a opinião pública do mundo?

3. Quem era Pierre Aronnax?



4. O que aconteceu uma noite quando o Comandante Farragut se preparava para voltar aos Estados Unidos, após três meses de exploração sem nada ter encontrado?

5. Aronnax foi lançado ao mar e quase se afogou, mas foi salvo por seu criado, Conselho, e ambos foram resgatados por Ned Land. Onde estava este último?

6. O comandante do submarino, apesar de mostrar-se gentil, considerava os três náufragos como inimigos e lhes impôs uma condição para que continuassem vivos. Qual era?

7. Quem era o comandante e qual o nome do submarino?

8. Por que Aronnax dizia estar vivendo uma ficção científica admirável? Destaque alguns dos aspectos inovadores.

9. Uma ideia nunca abandonara Ned Land, apesar da condição imposta por Nemo no início da viagem. Qual era ela?

10. Nemo era herdeiro do "espólio" dos Incas. O que era isso e para que Nemo o usava?

11. Depois de um sem-número de aventuras, Nemo afundou um navio de guerra e Aronnax percebeu que o capitão nutria um ódio monstruoso, mas não descobriu nada a respeito de sua vida, que continuava a ser um grande mistério. O que aconteceu na hora da fuga de Land, Conselho e Aronnax?